ORGULHAMO-NOS DE VÓS

Na tarde da penúltima quinta-feira, Aveiro viveu momentos de inusitado júbilo: vindos de Angola, chegaram então à cidade, onde tem quartel o seu Regimento, os Caçadores Especiais que, por longos meses, suportaram naquela Província ultramarina as mais violentas arremetidas dos chamados «terroristas». E fizeram-no gloriosamente, entretecendo a coroa dos seus triunfos com brio disciplinado, com intrepidez exemplar, com uma abnegação que transcende os normais limites de sacrifício exigido pelas regras militares.

A' saudade comovida, e agora mitigada, dos parentes que os esperavam — a verter-se em lágrimas sobre rostos onde a dolorosa expectativa deixara, logo a trecho de dias da partida *dos seus* para terras africanas, uma eternidade de sulcos angustiados — juntou-se o entusiasmo apoteótico da multidão, que vimos desbordante, para além do comum, a aplaudir, a um tempo, a juventude endurecida de árdua experiência, a veterania honrosa de jovens surpreendidos pela realidade nos seus sonhos dos vinte anos, a têmpera de combatentes que situaram o dever em níveis de glória.

O «caso de Portugal em África», onde culminam e se debatem as atenções e as paixões, internas e externas, de aderentes e dissidentes, o magno «caso português ultramarino» esteve ali ao rés de alguns dos homens que mais directamente o viveram com a alma plasmada à célula feita escudo e dardo; e, por momentos, aqueles cento e setenta rapazes entraram em simbiose com o ideal duma sobrevivência portuguesa para além das fronteiras europeias.

Quando assim é, quando acontece que o símbolo traduza tão perfeitamente a ideia, que com ela se

Continua na página 4

Aveiro, 11 de Agosto de 1962 ★ Ano VIII ★ N.º 407

Litoral
SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA» R. DE HOMEM CRISTO—TEL. 23886—AVEIRO

A SOLIDARIEDAE ACADÉMICA E OS JOVENS IDEALISTAS

POR M. LOPES RODRIGUES

De maneira geral, com o aplauso de uns e a contestação de outros, quase toda a Imprensa do País — a grande e a pequena Imprensa — se ocupou das últimas manifestações académicas, apaixonando vivamente a opinião pública, que se exteriorizou de várias formas, pondo a descoberto alguns problemas, aos quais não se pode ficar indiferente, uma vez que se relacionam com o prestígio do ensino, da vida universitária e da formação das nossas elites.

Foram uns longos dias de nervosa agitação e intranquilidade, sobretudo para as autoridades civis e para os pais dos estudantes, na emergência as segundas vítimas de todo esse febril movimento.

Porque a prudência a tal aconselhava, não escrevi, até hoje, uma palavra sequer sobre o assunto, pois as coisas chegaram, por essa altura, a um ponto que qualquer opinião escrita, por mais serena e criteriosa que fosse, era logo motivo de referência ou de crítica prestando-se a atear mais as labaredas das persuasões e dos propósitos, ao sabor de interpretações fàcilmente adulteradas, consoante o efeito que dela se desejasse obter.

O facto de abordar hoje aqui o assunto não significa que queira emitir, na conjuntura das apreciações, uma opinião que se preste a ser discutida mas, tão sòmente, para anotar um pormenor que no panorama dos acontecimentos se me afigura digno de referência.

O «France-Soir» ocupou-se, então, detalhadamente, das ocorrências académicas do nosso País. As suas notícias, a esse respeito, não me passavam desapercebidas; e, juntamente com as colhidas na nossa Imprensa, permitiam-me fazer um juízo mais definido do assunto.

Entre nós, as versões e as opiniões divulgadas de boca em boca eram tão dispares e

Continua na página 6

SECÇÃO DE JORGE MENDES LEAL

«BÉSAME MUCHO»

DISSE Oscar Wilde que o discreto vèuzinho branco no chapéu negro das viúvas fazia pensar num letreiro com a palavra «Aluga-se». As chapeletas de hoje, porém, oferecem sugestões muito mais arrevesadas e picantes, parecendo que toda a Humanidade se compraz em esconder a pobre cabeça sob os disfarces menos previsíveis. Trata-se, afinal, de cometer com a possível originalidade o corriqueiríssimo acto de enfiar um barrete...

A quadra estival vem-se afirmando como particularmente propícia a este novo delírio, transferindo para as termas e praias toda a gama invencionista das passagens de modelos. Não precisa o leitor, portanto, de acorrer aos Estoris, ou aos salões profissionais de uma qualquer Madame chapeleira recém-vinda das super-escolas parisienses.

Dê uma saltada à Costa Nova, à Barra, ao Furadouro, a Espinho. E notará que, em vez das belas cabeleiras escuras ou douradas, das fartas e sensuais guedelhas das *vamps* de antanho, rebrilham agora os impagáveis penantes-62 — surpreendentes, disformes, tolos. Há-os de variado género, desde a boina «twist» às amolgadas copas no estilo *post-guerra-de-14*; e em diversos materiais, partindo da loira palha envernizada para acabar num indecente papel tipo «Waldorf». Mas a característica comum, o sinal aglutinante, é a perseguição do inusitado pela via do grotesco. E daí os laçarotes imbecis, as fitinhas a esmo, os berloques e penduricalhos de todo o tamanho e feitio. Nos bons tempos de outrora, nos pudicos tempos do colo tapado e da saia até aos pés, os homens

Continuação da página 6

Confiado a boas mãos

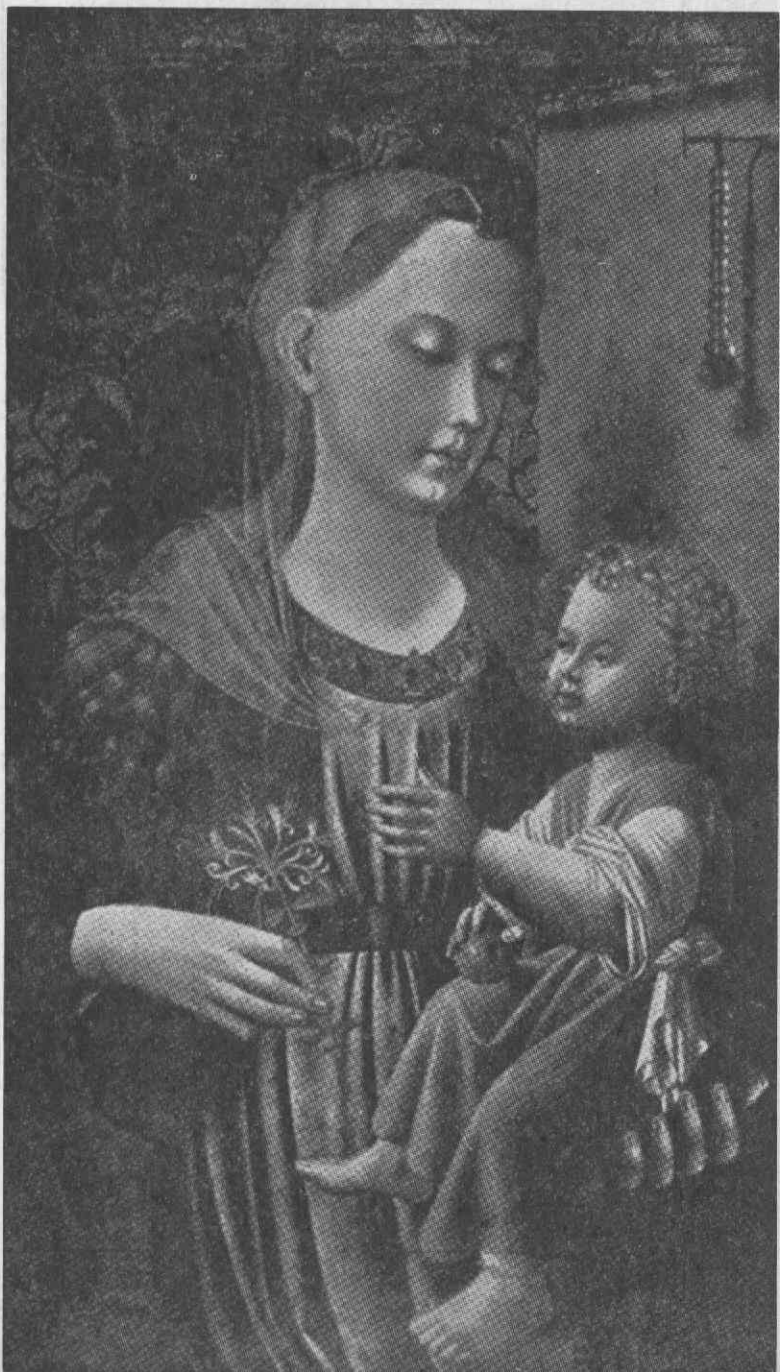
O MUSEU REGIONAL DE AVEIRO

será digno escrínio dos seus valores

O ilustre Director do Museu Regional de Aveiro, Dr. António Manuel Gonçalves, proporcionou, na última terça-feira, duas visitas, por ele guiadas, ao estabelecimento de Arte que tão superiormente dirige. Não será este o ensejo mais propício para enaltecer o inteligente e esclarecido esforço ali dispendido — devotadamente, amorosamente — pelo Dr. António Manuel Gonçalves; mas o muito que ali fez, e o muito que, por suas diligências, ali se fez, obrigam-nos, desde já, a testemunhar-lhe um profundo reconhecimento, que sabêmo-lo, traduz a gratidão de todos os aveirenses que se ufanam de ter nascido nestas privilegiadas terras e as desejam ver cada vez mais engrandecidas.

A primeira visita foi feita, de manhã, pelas entidades oficiais; a segunda, realizada de tarde, conglobou distintos aveirenses e jornalistas da Imprensa local e diária.

Damos conta, a seguir, do que tivemos oportunidade de apreender e observar durante

Continua na página 2

Este magnífico quadro dos princípios do século XVI, outrora conhecido por Senhora do Rosário *e com mais propriedade designado* Senhora da Madressilva, *em atenção à flor que a Virgem segura na mão direita, é uma das maravilhas do nosso Museu. Joaquim de Vasconcelos, pondo em relevo as suas características especiais, escreveu que ele tem um lugar destacado, sem analogias conhecidas na pintura nacional.*

O Museu Regional de Aveiro

Continuação da primeira página

a agradável peregrinação que o Dr. António Gonçalves gentilmente nos propiciou.

*

A fase de obras que a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais empreendeu no Museu de Aveiro desde Dezembro de 1960 e, mais intensamente, a partir de Abril de 1961, atingiu agora o seu termo. Ultrapassou mil contos o custo destas recentes beneficiações, superiormente orientadas pela secção de Coimbra, chefiada pelo Arq.° Amoroso Lopes, sendo a programação, projecto e realização o resultado de atenta e esclarecida colaboração com o Director do Museu. Nos complexos acabamentos, até os mais ínfimos pormenores, teve o arquitecto responsável a maior consideração pelos insistentes pareceres do conservador.

Ao Dr. António Manuel Gonçalves coube propor algumas linhas mestras do actual arranjo do Museu de Aveiro, como: a programação geral da circulação e o ajustamento das secções de exposição, de arrecadação e de outros serviços, considerados em relação à utente ala nova (na sequência aliás de um plano que se vinha aplicando aos velhos recintos, já beneficiados).

Sempre zelosamente homologada pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, deve-se à competência do Arq.° Amoroso Lopes, além das belas soluções arquitectónicas e do amplo revestimento e restauro dos três enormes pisos que constituem a referida ala nova Norte-Poente, a beneficiação de várias grandes salas há muito franqueadas ao público, com a reestrutura (exterior e interior) de alguns paredões. Estas obras urgiam pela simultânea urbanização à volta do Museu e foram resolvidas excelentemente, v. g.: os janelões que servem a secção de escultura de pedra, contígua ao jardim privativo; as fachadas, janelas e gradeamentos das paredes que estão ou vão ser abraçadas por vias adjuntas (Rua do Príncipe Perfeito e Rua do Batalhão de Caçadores 10) e pelo Jardim de D. Afonso V.

Nunca o Museu deixou de funcionar, neste longo período de obras, tendo o público tido sempre o ensejo de visitar o complexo monumental da histórica galeria (igreja, coros e claustro). Na circulação tradicional, nas dependências mais chegadas a estes conjuntos arquitectónicos do velho mosteiro aveirense, emprendeu o Dr. António Manuel Gonçalves a total remodelação dos salões de escultura, à entrada do Museu, no primeiro dos quais se abrigou a estátua de tipo arcaico conhecida por «Menino-Jardim», avultando ao seu redor felizes enquadramentos museológicos de peças escultóricas da escola coimbrã. O funcional arranjo dos retábulos quinhentistas do Salão anexo (das Carruagens) e a justificada construção de um cruzeiro completou-se com o restauro da caixa do côche setecentista do I Bispo de Aveiro (servida por novo suporte). Entretanto, refez-se o grande salão do topo da escadaria nobre (com importantes rebocos e pinturas das paredes, beneficiação dos tetos e nova electrificação), destinado a Sala de Conferências com capacidade para mais de duzentas pessoas, enquanto se renovou idênticamente a saleta contígua que será a «sala de estar» *(fumoir)* do Museu, decorada com móveis e outras peças da importante doação Coronel Nascimento Leitão.

A secção de Pintura foi largamente beneficiada e reabriu ao público em 8 do corrente (quarta-feira), tendo motivado a visita de imprensa efectivada na véspera (aliás precedida de visita particular de algumas entidades oficiais, nomeadamente do Ex.^{mo} Governador Civil). Todas as paredes das salas da Pinacoteca aveirense foram limpas e criteriosamente pintadas no no tom apropriado.

O velho Salão de Artes Decorativas (larga quadra que antecede a Cela de Santa Joana Princesa), sempre repleto ao longo dos tempos por inúmeras espécies, sofreu também uma urgente beneficiação de rebocos e pinturas, cometendo o Dr. António Gonçalves um asado e conveniente arranjo (quase a ultimar-se) e que resultou numa feliz compartimentação de volumes e espaços, a servir o excepcional recheio ali exposto, e o isolamento vigoroso da porta joanina da Cela da Princesa.

Estas obras que, a partir de 8 do corrente, o público poderá apreciar — executadas fóra da ala nova — beneficiando largas dependências muito para além do que fôra projectado inicialmente, devem-se à prestante compreensão da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais que bem atendeu as insistentes sugestões do Dr. António Manuel Gonçalves e condizem lògicamente com as importantíssimas obras realizadas no sector Norte-Poente.

Nas amplas quadras da ala nova, sucedem-se no primeiro andar: os vários salões de Arte Sacra Barroca, cuja complexa compartimentação e arejada disposição (de um singular recheio dos séculos XVII-XVIII) está o director do Museu a empreender, ajudado por um grupo de operosos trabalhadores chefiados por Mestre António Gomes. Neste piso se beneficiou e vai reabrir já ao público a Capela do Senhor dos Passos (do último quartel setecentista).

No segundo andar está a instalar-se condignamente a GALERIA DE AVEIRO, albergando as secções de Arqueologia, Cerâmica, Pintura, Iconografia de ilustres aveirenses, culminando num salão consagrado a «Ria — Porto — Mar», para o qual se decidiu construir (por artífice competente) um «barco-moliceiro» (à escala de 50 %) para centrar um conjunto documental-artístico relativo à beira-mar aveirense.

Além da beneficiação da Cozinha conventual, cuja reconstituição (mais museológica que histórica) se vai empreender, e da exaustiva e demorada arrumação da enorme arrecadação B, já desde o ano transacto que o Museu usufrui a arrecadação A, com todos os requisitos para a instalação, guarda e conservação de pinturas, têxteis, iluminuras, esculturas, (de barro e de madeira), faianças, lacas, móveis, etc., e que é considerada actualmente a melhor do país.

Estão igualmente a remodelar-se o Arquivo e a Biblioteca do Museu (que guarda um dos mais importantes espólios de códices musicais iluminados, existentes no país, da antiga Livraria conventual de Jesus), seguindo-se naturalmente a arrumação e instalação do Gabinete de Estampas.

A secura destas realidades em marcha, firma-se em factos indiscutíveis de que os aveirenses devem lembrar-se e orgulhar-se, porque para muitos estudiosos e visitantes nacionais e estrangeiros não são novidade: o Museu de Aveiro é o mais extenso museu do país, logo após o Museu das Janelas Verdes (com mais de sessenta salas e outros recintos); é o autêntico «museu nacional do barroco» (secs. XVII-XVIII); constitui decerto o nosso mais interessante escrínio de elementos arquitectónicos e decorativos dos séculos XV ao XVIII); é indubitàvelmente a segunda galeria de escultura portuguesa (sobretudo dos secs. XVI a XVIII), complementar da do Museu coimbrão Machado de Castro. Com as pinturas já beneficiadas ou em vias de competentíssima beneficiação no Instituto de Restauro de Lisboa, possui o Museu de Aveiro significativa colecção de tábuas quatrocentistas, a mais ampla que possui o país, além da «Sala dos Painéis de S. Vicente de Fóra» (do Museu Nacional de Arte Antiga).

Mais de ano e meio duraram estas obras por parte da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Aos arranjos que o director do Museu vem empreendendo outros continuarão nos próximos meses, como salientámos, contando que a ala nova norte-poente possa abrir-se ao público em Outubro. Então deve estar prestes a concluir-se a cintura urbanística do Museu, em tão boa hora empreendida pelo saudoso Dr. Alberto Souto, na presidência da Câmara Municipal de Aveiro, e agora a efectivar-se por obra do seu sucessor Eng.° Henrique de Mascarenhas.

O Museu de Aveiro ganha com a independência urbanística, a instalação ajustada ao opulento recheio do estabelecimento instituido há meio século e instalado no velho Mosteiro de Jesus, cuja primeira pedra el-rei D. Afonso V lançou faz agora meio milénio certo. Estas são, na verdade, providenciais comemorações,

O Festival de Edimburgo

Continuação da terceira página

sentar-se-á a produção de Dylan Thomas «O Médico e os Diabos», que originàriamente, foi concebida e escrita para o cinema. O médico em questão é o Dr. Knox, anatomista de Edimburgo do século XIX e os diabos, presume-se, devem ser os assassinos Burke e Hare, que vendiam os cadáveres das suas vítimas para experiências anatómicas.

A Escócia estará representada no Teatro Gateway, onde a Edinburgh Gateway Company levará à cena «Young Auchinleck», uma peça nova de Robert McLellan, conhecido pelo seu uso vigoroso da língua escocesa. O herói é James Boswell, filho de um juiz escocês, Lord Auchinleck.

Duas Exposições

Devemos mencionar ainda aquilo a que se pode chamar as «actividades fora do programa» — contribuições cheias de interesse, de grupos de gente nova que levam à cena peças experimentais e originalíssimas em qualquer palco que esteja disposto a aceitá-las.

O Festival deste ano incluirá duas Exposições. Na Royal Scottish Accademy, os visitantes poderão admirar a «Colecção Henie-Onstad de Pintura Moderna», recentemente oferecida ao Estado Norueguês pelo armador Niels Onstad e por sua mulher, a antiga campeã mundial de patinagem Sonia Henie. Na National Gallery of Scotland, por seu turno, estará patente um grupo de pinturas jugoslavas. Trata-se de trabalhos da Escola de Hlebine, uma cidade próxima de Zagreb, fundada pelo pintor Krsto Hagedusic, nos princípios da década de 1930.

É evidente que nenhum Festival de Edimburgo ficaria completo sem o «Tattoo» militar, espectáculo que todas as noites impressiona a multidão quando levada a cabo no terreiro do Castelo, feèricamente iluminado.

Este ano, além das gaitas de foles, dos tambores, das danças escocesas e das apresentações de cultura física, haverá ainda uma exibição naval. Para os apaixonados da gaita de foles, realiza-se também em Edimburgo, em 18 de Agosto, o espectáculo dos Jogos Escoceses.

O Festival de Cinema de Edimburgo decorre simultâneamente com o Festival principal. Concorrem este ano, mais de 30 países, todos com filmes novos. O tema é «O Cinema e a Literatura» e, entre os filmes a apresentar, incluem-se os que tratam de figuras famosas da literatura, passadas e presentes, bem como as adaptações cinematográficas da vida e trabalhos dessas mesmas figuras.

A Astronáutica

Continuação da terceira página

antevisão da realidade são também extraordinàriamente emocionantes.

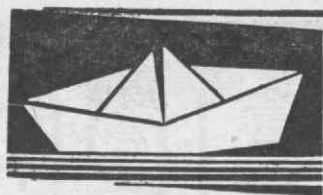
«O Homem do Espaço» baseia-se em factos reais e foi filmado em Cabo Canaveral e na Base de Andrews com a colaboração de vários departamentos oficiais dos Estados Unidos da América.

Os argumentos dos filmes baseiam-se em factos provados ou previstos por grandes cientistas do espaço, como Von Braun e outros.

Este programa da Televisão graças ao seu realismo pode ser um passo decisivo para o esclarecimento, de uma maneira simples e agradável, da opinião pública portuguesa acerca das viagens no espaço cósmico, das suas possibilidades e das dificuldades que os cientistas prevêm que o homem encontrará fora do seu ambiente natural.

Se os pioneiros portugueses da navegação inter-continental dispusessem do cinema para prepararem psicològicamente os seus contemporâneos, através de filmes de antevisão, focando os perigos que os esperavam e as soluções a que eram capases de lançar mão, não teriam existido tantos «velhos do Restelo» e as decisões teriam sido certamente mais apressadas se estivessem preparados.

António Pardete da Fonseca

O FESTIVAL DE EDIMBURGO DE 1962

EDIMBURGO prepara-se activamente para o seu 16.º Festival Internacional. Uma vez mais, de 19 de Agosto a 8 de Setembro, ecoarão pelas ruas da velha capital escocesa vozes e línguas de gentes oriundas de países distantes. Uma vez mais também, o local de encontro favorito será a Princes Street, aquela curiosíssima Princes Street que, com as suas magníficas lojas de um lado e os seus tapetes de flores do outro, nos conduz à grande massa cinzenta do Castelo — o castelo que, à noite, sob a magia dos holofotes, parece adquirir um tom de oiro sobrenatural.

Em 1961, o Festival, sob a direcção artística do Conde de Harewood, assumiu aspectos diferentes. Espera-se que, em 1962, este vento renovador venha a ser intensificado. Entre as inovações, salienta-se este ano a Conferência dos Escritores, que se realiza de 20 a 24 de Agosto. Do programa constam o discurso inaugural de boas-vindas, proferido por Sir Compton Mackenzie, e uma comunicação a ser apresentada por cada um de alguns dos mais famosos escritores de 13 países diferentes que ali estarão reunidos e que depois participarão nos debates sobre os problemas do escritor e sobre o futuro do romance. Cada sessão terminará por uma troca de impressões generalizada, na qual a audiência poderá intervir. Entre os escritores convidados, mencionam-se Kingsley Amis, Simone de Beauvoir, Lawrence Durrel, Graham Green, Marck Hlasko, Norman Mailer, Alberto Moravia, Iris Murdoch, Vladimir Nabokov, Bertrand Russell, Françoise Sagan, Jean-Paul Sartre, e C. P. Snow.

O «Big-Top»

Uma das últimas iniciativas agora tomadas consiste na edificação do «Big-Top», em East Meadows. É este o local onde o Ballet Bejart, de Bruxelas, apresentará «Os Quatro Filhos de Aymon», descrita como «uma história espectacular de heróis e magia, de circo, pantomima e ballet, que constitui a verdadeira versão de um teatro total». O espectáculo «Plain Song and All that Jazz» será também apresentado, à noite, no «Big-Top».

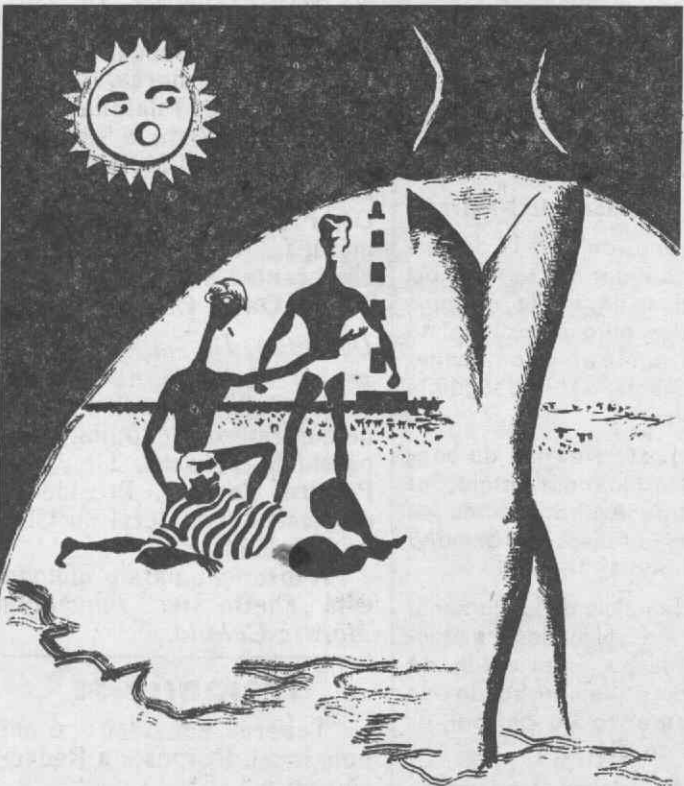
Musicalmente, o Festival de 1962 deverá revestir-se de um interesse extraordinário. Com efeito, ele abre com a «Missa Solemnis»,

Passa para a 6.a coluna

BARCOS de PAPEL

SECÇÃO DIRIGIDA POR CARLA

A ASTRONÁUTICA

POR ANTONIO PARDETE DA FONSECA

NÃO ficaremos surpreendidos quando um dia, ao pegarmos num jornal matutino, virmos, em letras gordas, que um homem chegou à Lua ou que vai a caminho do planeta Marte.

Há poucos anos os jornais anunciaram a toda a largura das suas páginas o lançamento do primeiro satélite. O acontecimento foi notável e a surpresa foi grande, se bem que já se falasse nessa possibilidade há alguns anos.

Mais recentemente, há meses atrás, os russos lançaram um astronauta que, depois de dar algumas voltas à terra, foi recuperado.

Pouco depois os americanos colocaram um homem em órbita e há algumas semanas voltaram a repetir com grande êxito o lançamento de um astronauta.

Há dias, os Estados Unidos da América colocaram em órbita mais um satélite — facto a que a Imprensa mal se referiu e de que a maior parte do público não teve conhecimento. Não quero dizer que o público e a Imprensa se desinteressem dos problemas dos voos espaciais; simplesmente, estamos já de tal maneira familiarizados com o lançamento dos misseis que já não nos surpreende o lançamento de mais um satélite.

Já ninguém duvida de que, num futuro muito breve, o homem chegará à Lua e qualquer de nós perceberá um pouco de voos espaciais se ler as inúmeras reportagens que a Imprensa tem publicado.

A astronáutica progrediu com tal rapidez que, hoje em dia, poderemos considerar ultrapassados os livros de ficção de Júlio Verne.

Ao contrário da U. R. S. S., os E. U. A. têm tentado consciencializar o público sobre os seus trabalhos e programas espaciais; milhares de pessoas trabalham hoje na preparação dessas viagens, sendo inúmeras as empresas particulares que trabalham em estreita colaboração com vários departamentos oficiais.

Em Portugal, foi criado, há cerca de três anos, um Centro de Estudos Astronáuticos e um projecto português apresentado num congresso, em Tóquio, despertou grande interesse e está presentemente a ser estudado por cientistas de grande renome mundial.

Os astronautas são preparados com uma antecedência de alguns anos, depois de uma rigorosa selecção.

Para uma viagem interplanetária não é só necessário ser destemido e aventureiro como os heróis das histórias aos quadradinhos, mas principalmente reunir um conjunto de qualidades intelectuais e físicas absolutamente indispensáveis ao futuro homem do espaço.

Graças à consciência que hoje em dia temos dos programas espaciais, poucos serão os que não acreditam nas possibilidades das viagens interplanetárias.

Também quando as primeiras caravelas portuguesas partiram para as descobertas poucos eram os que acreditavam no êxito dessas viagens; e, no entanto, alguns anos depois, a circunnavegação e a comunicação entre os continentes era uma realidade.

Por vezes, surgem-nos ideias erradas acerca da navegação interplanetária cuja origem, na maior parte dos casos, está em certos filmes que, com fins espectaculares, deturpam a verdade, procurando com temas de pura imaginação criar espectáculos sensacionais.

É o caso dos ataques de esquisitos marcianso, que têm graça, por vezes, mas que não são para levar a sério.

Na nossa época, a realidade é tão sensacional que basta antever a realização dos projectos já terminados ou em preparação para se dar satisfação à curiosidade palpitante do grande público.

A T. V. exibe actualmente, todos os domingos, uma série de filmes que, sendo uma

Continua na página 2

Palavras Cruzadas

PROBLEMA N.º 6-62

ORIGINAL DO CAPITÃO LUÍS CÉSAR RODRIGUES

HORISONTAIS:

1 — Que fala fàcilmente e com elegância. 2 — Nome de mulher. 3 — Afadiga-se; a casa; existia. 4 — Inerjeição que designa; nôjo. 5 — Destruas; a nata. 6 — Data; atilho. 7 — Aparelhes; profecta judeu no tempo de Achab e de Jezebel (Bibl.). 8 — Apelido; anagrama de MAIO. 9 — Suspiros; ponto cardeal; preposição e artigo contraídos (pl). 10 — Curar. 11 — Relógio de sol entre os romanos.

VERTICAIS:

1 — Advérbio que designa afirmação; deseja. 2 — Não viciada; fronteira. 3 — Dividade da mitologia grega. 4 — Prefixo de negação; semelhante ao ar; viúva. 5 — Animação; incólumes; malícia espirituosa. 6 — Estavam; imaculada. 7 — Zombar; pronome pessoal; a família. 8 — Basta; dá guarida; diverte-se. 9 — Livra de impurezas. 10 — Curva de abóbada; camareiros. 11 — Mentira (inv.); abandonados.

Solução do Problema n.º 5-62

Tarantela — N — Lai — Ira — D — Or — Sopra — Mó — Vós — Soa — Tom — Alla — E — Gora — Atro — Rima — S — Ais — Ira — F — Os — Agira — Al — Eis — Ara — Oro — Raer — A — Olor — Rias — Usas.

As gravuras que ilustram a presente página reproduzem desenhos de dois jovens artistas aveirenses — os irmãos Helder *e* Jeremias Bandarra.

Do primeiro, é a composição SOL DE AGOSTO, que ao lado se publica; e o segundo assinou a expressiva «charge» que acima reproduzimos.

A CARTA DE AMOR MAIS ORIGINAL DO MUNDO

John Tyndall, um famoso físico britânico, conhecido especialmente pelas suas investigações sobre os fenómenos luminosos e sonoros, estando noivo da filha de Lord Hamilton, escreveu-lhe a seguinte carta de amor, por certo a mais original do Mundo:

«Doce conglomerado de protoplasma! Adorável combinação de matéria e de força! Raro produto de infinitas épocas de progresso! O esplêndido éter corresponde menos aos raios de luz, que o que correspondem meus centros nervosos à mística influência que provém da fotosfera do teu rosto. Como o sistema heliocêntrico se desenvolveu do caos por meio de uma lei inexorável, assim essa subtilização da matéria a que os homens chamam alma foi tirada de seu profundo desespero por meio do esplendor da luz que brilha em teus olhos. Condescende, ó maravilhosa criatura, em observar a atracção que me une a ti, com uma força que está em proporção inversa do quadrado das distâncias! Consente em que ambos, como duplos sóis, descrevamos um em torno do outro círculos concêntricos que se possam tocar eternamente por todos os pontos de sua periferia».

de Beethoven, pela Orquestra Sinfónica de Londres e pelo Coro de Leeds, e prossegue com a Ópera de Belgrado, no «Príncipe Igor», de Borodine, no «Amor das Três Laranjas», de Prokofiev, no «Don Quixote», de Massenet, em «O Jogador» de Prokofiev, e na «Khovanshchina», de Mussorgsky.

Apresentar-se-á, também, um grupo de solistas russos de primeiro plano, com Sviatoslav Richter, Galina Vishnevskaya e Mtsislav Rostropovich. E está já assegurada a participação da Orquestra Sinfónica da Rádio Polaca, da Orquestra Philharmonia, do Grupo de Ópera Britânica, que apresentará «The Turn of the Screve» conduzida pelo seu autor Benjamin Britten, do Ballet da Ópera de Belgrado, da Schola Cantorum Basiliensis, que tocará os «Seis Concertos de Brandeburgo», de Bach, e peças musicais dos seus contemporâneos em instrumentos da época, dos Quartetos de Cordas Allegri, Amici e Borodin, dos Gregg Smith Singers e do Melos Ensemble.

Dos programas dos concertos, tanto de Câmara como de Orquestra, fazem parte obras de Dmitri Shostakovich, estando a sua presença no Festival quase assegurada.

A «Royal Shakespeare Company»

Tem-se, por vezes, criticado Edimburgo pelo facto das produções dramáticas apresentadas não corresponderem aos magníficos êxitos musicais que normalmente ali se verificam.

Este ano, contudo, os visitantes poderão ver a Royal Shakespeare Company, de Londres e Stratford-on-Avon, em três peças: «Troilus e Cressida», com Dorothy Tuttin e Max Adrian, «The Devils», que foi um dos grandes êxitos de Londres em 1961, e «Curtmantle», de Christopher Fry, esta em primeira exibição na Grã-Bretanha.

As peças apresentadas no palco aberto do «Assembly Hall» constituiram sempre um dos grandes êxitos do Festival. Este ano, agre-

Continua na página 2

Recepção Apoteótica aos «Caçadores Especiais»

Na penúltima quinta-feira, dia 2 de Agosto corrente, chegaram a Aveiro os destemidos e valentes soldados da IV Companhia de Caçadores Especiais n.° 63, que se bateram em Angola, e que, na quase totalidade, são naturais da nossa região.

Os 170 militares da Companhia do R. I. 10 destacados naquela Província Ultramarina e agora regressados, cumprido que foi o seu período normal de dois anos de serviço, tiveram recepção apoteótica.

Viajando em combóio-especial que chegou à estação do caminho de ferro pouco depois das 16 horas, os briosos e valorosos soldados, foram aguardados por diversas autoridades aveirenses e pelos comandantes Militar e do R. I. 10 e outros oficiais— além de muitos familiares e populares, que se aglomeraram na gare e no largo fronteiro à estação, todos os envolvendo em manifestações de apreço, reconhecimento e simpatia.

Após o desembarque, teve lugar um desfile, pela Avenida do Dr. Lourenço Peixinho e outras artérias até ao Parque Municipal; tomaram parte um destacamento de Infantaria 10 e a fanfarra do Regimento.

Na Avenida das Tílias, Mons. Aníbal Ramos celebrou missa campal, em acção de graças pelo regresso dos militares aveirenses e sufragando também, os sete soldados da Companhia que encontraram a morte em Angola. Na altura própria, aquele sacerdote pronunciou uma expressiva homilia em que se referiu às intenções do piedoso acto e em que relevou a bravura e o amor pátrio dos militares aveirenses.

Na parada do quartel do R. I. 10, efectuou-se, por fim, uma tocante e expressiva cerimónia — durante a qual se descerrou uma lápide perpectuando o nome dos soldados mortos.

2.° Sargento Mário Vicente da Silva; furrieis Manuel Baptista da Costa e João Almeida Figueiredo; 1.° Cabo Eduardo Sousa Martins de Almeida; e soldados Custódio de Bastos, Manuel de Pinho e Mário de Oliveira Lopes.

O sr. Capitão Luís Artur Carvalho Teixeira de Morais, Comandante da Companhia n.° 63, teve de ficar ainda em Angola — motivo que determinou que o comando dos Caçadores Especiais agora regressados fosse confiado ao sr. Alferes Cunha Leal.

Orgulhamo-nos de vós!

Continuação da primeira página

confunda, alguma coisa de grande aconteceu.

E foi este o caso que há dias atingiu os páramos nas ruas da cidade.

Aos bravos rapazes de Aveiro, também queremos deixar nestas colunas, em letras indeléveis, esta sincera palavra de justiça:

— Orgulhamo-nos de vós!

Dr. Vale Guimarães

Na segunda-feira, em concorrida cerimónia realizada, em Lisboa, no gabinete do Correio-mor, tomou posse do elevado cargo de Director dos Serviços Administrativos dos C. T. T. o nosso ilustre conterrâneo e antigo Governador Civil de Aveiro Dr. Francisco do Vale Guimarães — que felicitamos pela honrosa escolha de que, por seus merecimentos, foi alvo.

Pelo Hospital

★ Dos inúmeros problemas tratados na reunião mensal da Mesa da Santa Casa da Misericórdia, efectuada no passado dia 7, destaca-se aquele que diz respeito aos benefícios a favor dos Irmãos-Associados, mormente em internamentos e outros serviços hospitalares. Para o efeito, será convocada, oportunamente, uma reunião da Assembleia Geral.

Pela complexidade dos assuntos, a reunião teve de ser interrompida e continuará no próximo dia 17.

★ Está aberta a inscrição para frequência, no Instituto Maternal (em Lisboa, Porto ou Coimbra) de um curso de parteiras ou auxiliares de parteiras. Podem inscrever-se, para o efeito, quaisquer enfermeiras ou auxiliares de enfermeiras. A referida inscrição encerra em 10 de Setembro próximo.

★ Foram admitidos como irmãos da Santa Casa da Misericórdia, os srs. José Leandro, Armando Ferreira Madail, Diogo Álvaro Viana de Lemos e João Vicente Ferreira da Silva.

★ A pequerrucha nascida no Hospital da Misericórdia há 3 meses, com cerca de 0,700 kg., já pesa à volta de 2,100 kg.. Continua, porém, na incubadora sob os superiores cuidados do sr. Dr. Leite da Silva, Director-adjunto do Hospital.

Cais Comercial do Porto de Aveiro

A Junta Autónoma do Porto de Aveiro enviou ao sr. Ministro das Comunicações um telegrama de agradecimento, congratulando-se com a recente notícia da abertura do concurso para a construção do cais comercial do Porto de Aveiro — valioso elemento para o próximo desenvolvimento económico regional e nacional a que haveremos de fazer, brevemente, mais circunstanciada referência.

Pela Capitania

Movimento Marítimo

Em 1, procedentes da Groenlândia, Sofi e Figueira da Foz, respectivamente, entraram a Barra o navio alemão «*Hohevag*», com bacalhau fresco, o barco «*São Silvares*», com gesso e o rebocador «*Foz do Vouga*» e saíram para a Figueira da Foz e Vigo o rebocador «*Foz do Vouga*» e o navio alemão «*Wurzburg*».

Em 3, vindo da Groenlândia, entrou o navio alemão «*Henry Everling*», com bacalhau fresco.

Em 4, com destino a Bremerhaven e Leixões saíram os barcos alemães «*Hoheveg*» e «*Minden*».

Em 5, procedentes de Faro e Groenlândia, entraram a Barra o galeão-motor «*Primos*», com sal, e o alemão «*Augsburg*», com bacalhau fresco.

Em 7, vindo de Setubal, entrou o galeão-motor «*Praia da Saúde*», com cimento.

Semana do Náufrago

Este ano, de 12 a 19 do corrente, terá lugar a «*Semana do Náufrago*», destinada a granjear fundos para o Instituto de Socorros a Náufragos, como habitualmente, e com o seguinte programa:

I — Hasteamento da bandeira do Instituto nas instalações da área de Aveiro durante os dias comemorativos da «Semana do Náufrago».

II — Exercício de lançamento à água do salva-vidas «Almirante Afreixo», com saída da barra, para demonstração do adestramento do pessoal, às 11 horas do dia 12.

III — Exercício de lançamento de foguetões no dia 17, no Cais das Pirâmides, com a colaboração das Corporações de Bombeiros desta cidade, pelas 18,30 horas.

IV — Casas-abrigo do Forte da Barra patentes ao público no dia 19.

SERVIÇO DE FARMACIAS

Sábado	CENTRAL
Domingo	MODERNA
2.ª feira	A L A
3.ª feira	M. CALADO
4.ª feira	AVEIRENSE
5.ª feira	S A Ú D E
6.ª feira	OUDINOT

Visita de Escuteiros

Na quarta-feira passada, visitaram a cidade de Aveiro 108 escuteiros do grupo n.° 16 (S. Nicolau) e de diversos outros grupos da região do Porto do C. N. S., acompanhados de algumas «alcateias».

Os escuteiros, que se encontram acampados na Quinta das Chousas, em Avanca, sob a orientação do chefe regional adjunto sr. José Pinto de Mesquita e tendo como assistente o rev.° sr. Padre Manuel Lima, almoçaram na Casa de Santa Zita e deram, em seguida, um passeio pela Ria, até às praias de S. Jacinto e da Torreira.

O acampamento, que tem decorrido com muita animação e termina amanhã, foi ontem visitado pelas autoridades civis e eclesiásticas de Aveiro, Porto, Estarreja e Murtosa.

Reuniões Filatélicas no Clube dos Galitos

A Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos leva a efeito, hoje e amanhã, integradas nas actividades do Clube no corrente ano, duas reuniões filatélicas cujo programa inclui:

Sábado, 11

A's 21.45 horas, no Salão Nobre do Clube dos Galitos: Descerramento do retrato do sr. Dr. Francisco do Vale Guimarães, sócio Honorário da Secção Filatélica.

A's 22.15 horas, Conferência sobre Filatelia pelo notável filatelista e cronista Dr. Jorge de Melo Vieira. Preside o ilustre aveirense Dr. Francisco do Vale Guimarães. A apresentação do conferente será feita pelo sr. Dr. David Cristo.

Domingo, 12

A's 13 horas, no Restaurante Galo d'Ouro, almoço de confraternização filatélica, presidido pelo sr. Dr. José Pereira Tavares, Presidente da Assembleia Geral do Clube dos Galitos.

A inscrição para o almoço está aberta na *Farmácia Morais Calado*.

Assembleia da Barra

Na tradicional linha de rumo que tem orientado, nos anteriores anos, as suas actividades, a Assembleia da Barra promove, hoje, uma reunião dançante para os seus frequentadores.

Em 18 e 25 do corrente mês, realizam-se novos bailes, abrilhantados por excelentes e bem conhecidas orquestras.

Movimento da Lota

O peixe vendido, em Julho findo, na Lota de Aveiro rendeu 2 402 986$00 — soma dos apuros das traineiras (2 118 246$00), dos arrastões de pesca do alto (244 061$00) e do peixe da Ria (40 679$00).

Novo Subchefe da P. S. P.

Foi recentemente colocado no Comando da P. S. P. de Aveiro, como 1.º Subchefe, o sr. Alfredo Baptista, natural de Vila da Rainha (Soure), que exerceu idênticas funções em Coimbra e Covilhã, donde agora veio transferido.

Reunião de Curso

No próximo dia 26, realiza-se, em Aveiro, a primeira reunião regional do Curso Médico a que pertencem, entre outros, os distintos clínicos radicados na nossa cidade srs. drs. Francisco Araújo e Sá, Jorge Leite da Silva, José Augusto Girão Marques, José da Cruz Neto e Josué Rodrigues Póvoa.

Pão enriquecido e Dietético

Pela Direcção do Grémio de Industriais de Panificação de Coimbra foram-nos oferecidas algumas amostras de excelente pão enriquecido e dietético fabricado na Padaria de Sá, desta cidade, durante o Curso para Industriais de Panificação que se realizou em Aveiro.

Gratos pela oferta.

«Miss Universo» em Aveiro

No prosseguimento da sua visita ao Norte do País, esteve em Aveiro, na quarta-feira desta semana, a encantadora e simpática alemã Marlene Schmidt, «Miss Universo - 1961», que percorreu os pontos de interesse turístico e os monumentos da nossa cidade e se deslocou ainda — em passeio pela Ria — às praias do litoral aveirense.

A bela Marlene Schmidt ficou particularmente encantada com as nossas marinhas de sal.

Liceu Nacional de Aveiro

Encontra-se aberta, até ao dia 16 do corrente, a matrícula dos alunos internos deste estabelecimento de ensino

Exames do Conservatório Regional de Aveiro

Como se noticiou, em 7 e 8 do corrente mês, realizaram-se, nesta cidade, os exames do Conservatório Regional de Aveiro, tendo os seus alunos obtido as seguintes e brilhantes classificações:

SOLFEJO — 2.º Ano — António José Ferreira S. Vieira e Maria do Rosário Araújo Vidal, 16 valores; António Filipe Cardoso e Maria Isabel Vieira do Casal, 15; e João Gonçalves Casal, 14; *3.º Ano* — Armando Dias Vidal, 17; e Maria de Lourdes Ferreira Vieira, 15.

PIANO — 3.º Ano — Armando Dias Vidal, 17 valores; Maria de Lourdes Ferreira S. Vieira, 14; e Armanda Moreira de Figueiredo, 13.

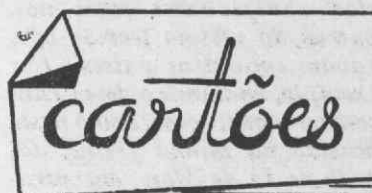
VIOLINO — 6.º Ano — Manuel Teixeira Ferreira, 17 valores.

Depois dos exames, e a pedido do Júri que a eles presidiu, executaram números da sua especialidade os alunos Armando Dias Vidal (piano), Manuel Teixeira Ferreira (violino) e Mário Mateus (canto).

O membros de Júri, acompanhados pela Directora e professores do Conservatório, visitaram, a seguir, as novas instalações deste estabelecimento de ensino — que lhes deixou a melhor das impressões embora se encontre ainda sem as obras de reparação de que carece.

Litoral

Por absoluta falta de espaço, não nos é possível noticiar hoje — com o merecido relevo — diversos acontecimentos de interesse local ocorridos na semana finda, entre eles o III Congresso Nacional de Remo, a homenagem da Secção Náutica do Clube dos Galitos aos seus antigos dirigentes, colaboradores e atletas e os êxitos dos motonautas aveirenses em competições realizadas na Corunha.

Esperamos fazê-lo no próximo número do LITORAL.

cartões de visita

FAZEM ANOS:

Hoje, 11 — As sr.as D. Maria Ermelinda do Vale Guimarães Oliveira, esposa do sr. Dr. Orlando de Oliveira, D. Maria Helena de Melo Pessa, esposa do sr. Comandante A'lvaro Pessa, e D. Estrela Ventura Gamelas e Silva, esposa do sr. Ulisses Naia e Silva; o Rev.º Padre João Paulo da Graça Ramos e os srs. Dr. Luís Regala, 1.º Sargento Manuel António de Carvalho, José Vieira da Maia Romão e Orlando de Melo; a menina Maria de Lourdes Ferreira Gonzalez de La Peña, filha do sr. Francisco Gonzalez de La Peña; e o menino João Manuel da Silva Santos, filho do sr. Major João Dias dos Santos.

Amanhã, 12 — Os srs. João da Rosa Lima, Luís Firmino de Melo Vilhena, ausente no Brasil, e Vicente Domingo Di Paola; e a menina Maria João Costa Roque, filha do sr. Amadeu do Roque.

Em 13 — As sr.as D. Carolina da Conceição Ferreira Branco, esposa do nosso apreciado colaborador e distinto artista e cineasta Dr. Vasco Branco, e D. Maria da Conceição de Lemos Manuel (Atalaya); o Rev.º Padre Aureo de Figueiredo e os srs. Armindo Ferreira e António Anibal Valente, ausente em Gabela, Angola; e a menina Rosina Maria da Fonseca Campos, filha do sr. João Armando Campos Amaro.

Em 14 — As sr.as D. Maria José Matos Pereira, esposa do sr. Carlos Alberto Luís Pereira, e professora D. Maria Sousa Dias; e o sr. Dr. António Catão Martins Pereira, Assistente da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Em 15 — As sr.as D. Maria Helena Marques Biaia, D. Maria Luísa de Melo Vilhena e D. Luísa Soares de Castro, esposa do sr. Carlos Castro; e os srs. Eng.º-agrónomo Jorge Manuel Massadas Rino, Aníbal Gomes de Moura e António Dias de Azevedo.

Em 16 — As sr.as D. Maria de Lourdes Lopes Ramos, esposa do sr. Artur Ramos, D. Maria Ferreira Martins, esposa do sr. José Martins, e D. Maria da Conceição Pitarma Valente, esposa do sr. António Aníbal Valente, ausente em Gabela, Angola.

Em 17 — Os srs. Dr. António Fernando Marques, Governador Civil Substituto, e Rui Alberto Ferreira Lebre; e o menino António José Ferreira Guedes Pinto, filho do sr. Dr. Ernesto Guedes Pinto.

AGRADECIMENTO

Aldina Mourão Gamelas, na impossibilidade de, pessoalmente, agradecer a todos quantos, durante o seu internamento na Casa de Saúde da Vera-Cruz, se interessaram pelo seu estado de saúde, vem por este meio, único ao seu alcance, patentear a todos o seu agradecimento e profunda gratidão, agradecimento este extensivo aos Excelentíssimos Médicos, srs. Drs. Ponty Oliva, Manuel Soares e Cândido Quininha, os quais foram inexcedíveis em dedicação, desvelo e carinho.

A Solariedade Académica e os Jovens Idealistas

Continuação da primeira página

tão apaixonadas — por vezes tão desconexas e tão inconsistentes —, que nos dava a impressão de estarmos a viver um período de loucura — coisas próprias de entusiasmos desmedidos... E o que se ouvia nas emissões da Rádio Praga e da Rádio Moscovo, dava ao problema um carácter de intromissão alheia, agressiva, que se tornava intolerável, sobretudo por se destinar a agitar, na convulsão das atitudes assumidas pela juventude académica, sofismados fundamentos de direitos e prerrogativas que, na realidade, pelo que fàcilmente ajuizamos, não lhe eram próprios nem podiam ser-lhe atribuidos, misturando-se, assim, os propósitos académicos com propósitos políticos, sobrepondo os problemas da juventude aos problemas da autoridade governamental, as razões de capricho às razões do Estado, proclamando apenas direitos sem se lembrarem que sobre ela mais impendem deveres — o dever de estudar, de se instruir e de se preparar para a vida prática — movimentando-se ostensivamente em nome de uma solidariedade que, dignamente, apenas deve ser invocada para causas transcendentes e colectivas e não para servir facções de certo modo suspeitas, nem sempre esclarecidas ou aceitáveis.

A afirmação não se destitui, pois, a par das ocorrências verificadas entre nós, outras do mesmo teor se operavam em outros países. Por exemplo, no número do «France-Soir» que, acaso, tenho nesta ocasião na minha frente, datado de 12 de Maio, encontra-se no topo esquerdo de uma das suas páginas uma grande fotografia, à largura de cinco colunas, encimada pelo seguinte título, impresso em grossos caracteres: **Primeira fotografia da cólera dos estudantes de Espanha.** *Por baixo da fotografia, lia-se:* Solidários com os grevistas das Astúrias (mineiros) os estudantes madrilenos manifestam-se em frente da sua Universidade.

Noutro local, da mesma página, também a grande título: Portugal — um milhar de estudantes e seus pais presos em Lisboa. *Logo a seguir ao texto relacionado com esta epígrafe, vem a notícia de que em Copenhague havia sido lançada uma bomba (um cocktail Molotov, segundo a informação) contra a residência do embaixador de certo país, em frente da qual os estudantes se manifestaram ruidosamente, a reclamarem sobre o direito das associações académicas se filiarem e aderirem aos movimentos das juventudes das universidades mundiais.*

Outras locais, no mesmo jornal, davam a informação de haver sido dissolvida a Associação dos Estudantes da Algéria devido às suas atitudes subversivas, e noticiavam as intervenções da força pública para dominar as sublevações estudantis em várias partes, tais como, no Brasil, na Birmânia, nas Repúblicas Sul-Americanas, etc.

Não necessito de referir a maneira como esse noticiário era exposto e comentado, bastando apenas dizer que todo ele era aproveitado para atacar as medidas governativas sancionadoras destas subversões, apontando a necessidade de impor aos países onde elas estavam a manifestar-se a necessidade de efectuarem imediatas reformas sociais, democráticas, económicas, etc.

Em presença disto não me foi difícil ajuizar o que era, na realidade, o fundo da questão, no qual se evidenciavam, com excessivo vigor e entusiasmo, alguns jovens talvez, socialmente, demasiado idealistas, mas, acadèmicamente, talvez deficientemente esclarecidos.

Não, o movimento em causa, não era, fundamentalmente, um caso português, e para as razões que, em certos aspectos, lhe podem ser reconhecidas — que algumas há, indubitàvelmente, dignas de apreço e ponderação, especialmente aquelas que dizem respeito à maneira imprópria, desumana e anti-pedagógica como alguns professores estão exercendo a administração do ensino — a ocasião não foi das mais felizes, pelo conjunto das circunstâncias externas de que se rodeou e que, simultâneamente, se manifestaram.

M. Lopes Rodrigues

Crónicas Alegres

Continuação da primeira página

só conseguiam ver e admirar a cara das mulheres. Tinham de lhes adivinhar o corpo. Hoje, na era dos *bikinis* e do umbigo ao léu, é relativamente fácil apreciar o corpo das beldades — mas há que lhes adivinhar a cara. Sobre a mistificação da sobrancelha rapada e dos cremes Max Factor, do «baton»-desenha-bocas e do aparelho-revira-pestanas, contam-se ainda essas abas intrujonas e cautelosas, que vedam e transformam o rosto e a expressão.

Topam-se agradáveis curiosidades, contudo Num *bar* da Torreira, vimos uma rapariga que trazia, colado no chapéu o seguinte convite apetitoso: *Besame mucho*. Concordamos. A timidez duma geração futebólica e rockmaníaca pode ser convenientemente vencida por artefícios deste jaez, que reacendam nos jovens um liminar pendor atiradiço e beijoqueiro. Porque não há dúvida de que essa máscula tendência, tão peculiar à fina raça lusitana, anda um pouco arredia dos moços de calça estreita e suíças longas. Doutra maneira, como se compreende que uma menina tenha de pedir na sua *capeline*, em jeito de apelo desesperado, que a beijem muito?

Julgando que o expediente se vulgarizará, auguramos-lhe, até, extraordinário êxito. É um facto que certos problemas, por demasiado íntimos, não se compadecem com a pública exibição num quico de praia ou de passeio. E quanto às aflições de ordem geral... Vivemos todos nós com extrema comodidade e gozo largo de vastíssimos proventos, num país consabidamente venturoso e próspero. Mas existem nações, ditas subdesenvolvidas, onde plenamente se justifica que 75 °/o dos habitantes mostre e remostre, no coco ou na cartola, um dístico elucidativo: «S. O. S.!».

Isto na hipótese, claro está, de o nível de vida de tal gente lhe permitir ainda a compra dum chapéu...

Jorge Mendes Leal

Resenha dos Nacionais de Remo

Continuação da última página

cançando um tempo (6 m. 54 s.) que melhora consideràvelmente o record do Rio do Príncipe, já em poder dos minhotos desde 1959 (7 m.) A seguir — a uma margem de tempos que mostra bem a superioridade dos caminhenses — chegaram à meta a C. U. F. (7m. 15,6 s.) e o Galitos (7 m. 25 s).

Todas as provas atrás referidas se efectuaram de tarde.

Na parte de manhã, tinham-se realizado duas regatas, ambas eliminatórias de SHELL DE 8 (juniores), verificando-se estes resultados:

1.ª eliminatória

1.º — Galitos, em 6 m. 42, 2 s.; 2.º — Caminhense, 6 m. 45 s.; 3.º — Ginásio Figueirense, 7 m. 2, 8 s..

2.ª eliminatória

1.º — Náutico de Viana, 7 m. 14 s.; 2.º — Sport Clube do Porto, 7 m. 17 s..

Domingo, 5

Shell de 2 - Seniores

Alinharam — Pista 1, Fluvial (Manuel Pinto, Ângelo Rodrigues e António Henriques Cardoso, *tim.*); pista 2, L. A. G. (Luís Filipe Penedo, António Reis Vidigal e Paulo Azevedo Ramos, *tim.*); pista 3, C. U. F. (Joaquim Palma Caldeireiro, António Costa Oliveira e José Mestre Ramos, *tim.*).

A prova teve duas largadas em falso — de ambas as vezes por precalços sofridos pelo voga do Fluvial. À terceira vez, a regata fez-se, mas os fluvialistas foram cedo forçados a abandonar, circunscrevendo-se a luta a dois adversários. Com 8 m. 38.8 s., os representantes da L. A. G. impuzeram-se de forma nítida. Aliás, os cufistas, com 9 m., concluiram a prova (com o voga indisposto) em evidente dificuldade.

Yolles de 4 - Juniores

Alinharam — Pista 1, C. U. F. (Carlos Serrado, João Brandão Esteves, Eduardo Guerreirinho, José António Tadeu e Rafael Toledo Fernandes, *tim.*); pista 2, Fluvial (Manuel Moreira Dias, Manuel Moutinho Cruz, António Alberto Jesus, Mário Santos Andrade e José Valente de Almeida, *tim.*); pista 3, Naval 1.º de Maio (António Conceição Rodrigues, Manuel Cardoso Pedro, António Lopes Beato, Manuel Silva Rodrigues e Mário Simões Vieira, *tim.*); pista 4, Caminhense (Adelino Cerqueira, Luís Carlos Rodrigues, José Joaquim Gomes Valente, Júlio Ribeiro Ramalhosa e Alcides Gonçalves Morais, *tim.*).

A regata foi das mais renhidas e empolgantes, com todos os concorrentes a disputar o título no picanço derradeiro. Ganhou a C. U. F. (8 m. 11 s.), seguindo-se os navalistas (8 m. 13 s.), os portuenses (8 m. 15.) e os minhotos (8 m. 15,6 s.).

Yolles de 8 - Seniores

Alinharam — Pista 1, Ginásio Figueirense (Manuel Paiva Ramos, Manuel Correia, Almerindo Lima Gonçalves, Manuel Correia Rascão, Manuel Curado Pereira, Rafael Castro, Manuel Valente da Silva e António Figueiredo, *tim.*); pista 2, C. U. F. (José Marques Miranda, Manuel Ildefonso Costa, Joaquim Fazeres Gomes, António Manuel Silva, Adelino Augusto da Silva, Daniel Marques de Freitas, Luís Matias de Matos, Manuel Domingos Dias e José Mestre Ramos, *tim.*); pista 3, Fluvial (Fernando Gesto, João Teixeira Gonçalves, António Coelho Salvador, Bernardo Marques, Vítor Lino Monteiro, Epifânio das Neves, Manuel Vieira Dionísio, Joaquim Pereira da Costa e Alberto Oliveira Santos, *tim.*).

Os barreirenses, com 7 m. 1 s., bateram o «record» da prova, que sempre comandaram tranquilamente. Depois da C. U. F., chegaram o Ginásio (7 m. 13,8 s.), o quatro barcos, e o Fluvial (7 m. 47,2 s.), com bastante atraso.

Shell de 4 - Juniores

Alinharam — Pista 1, C. U. F. (José Neves, Joaquim Pereira da Silva, João Mário Mano Padrão, Alberto Garcia Martins e Rafael Toledo Fernandes, *tim.*); pista 2, Desportivo da Figueira da Foz (Manuel Freitas Virgínio, Emídio Monteiro de Carvalho, José da Conceição Ferreira, Mário Lopes Monteiro e Amílcar Correia Esteves, *tim.*); pista 3, Naval 1.º de Maio (António Boaventura, Joaquim Baptista da Cunha, António Quaresma dos Santos, Armando Santos Esteves e Mário Simões Vieira, *tim.*); pista 4, Galitos, (João Martins Pereira, Luís da Maia Pinho Romão, António Carvalho de Sousa, João Carlos Rodrigues Paiva e Carlos José Trindade, *tim.*).

A tripulação do Galitos bateu o «record» da categoria, com o tempo de 7 m. 13,4 s., melhorando uma marca (7 m. 16 s.) estabelecida em 1960 por outra tripulação alvi-rubra.

O mais directo opositor dos aveirenses foi a C. U. F. — que apenas durou até aos 1000 metros e chegou à meta, a cinco comprimentos, com 7 m. 25 8 s. Muito depois, entraram na linha de chegada os barcos figueirenses: Desportivo, em 3.º lugar, com 8 m.6,8 s.; e Naval 1.º de Maio, em 4.º, com 8 m. 31,4 s..

Skiff - Seniores

Alinharam — Pista 1, Galitos (Amadeu Martins Pereira); pista 2, C. U. F. (Manuel da Silva Barroso); pista 3, C. N. O. C. A. (Tenente Luís Manuel Costa Correia); pista 4, L. A. G. (António Rodrigues Soares.

O barreirense e o aveirense fugiram, logo à partida, aos lisboetas. E entre ambos, até meio do percurso, não se registaram diferenças sensíveis. Então, o cufista apertou e destacou-se — vindo a vencer, com autoridade e em beleza, apesar da tentativa de recuperação que o campeão destronado ensaiou já perto da meta.

No final, sensivelmente com quatro barcos entre cada remador, apuraram-se estes tempos: C. U. F — 8m 10 s.; Galitos — 8 m. 21,4 s.; L. A. G. — 8 m. 34,4 s.; C. N. O. C. A. — 8m. 44,6s..

Yolles de 8 - Juniores

Alinharam — Pista 1, L. A. G. (Rui Pereira Horta, Vítor Manuel David, António Lopes Faro, Mário Espanha Cardoso, Alfredo Carvalho Esteves, Manuel Teixeira Miranda, João Maria Gomes Amaro, Fernando Pires Luís e Paulo Azevedo Ramos, *tim.*); pista 2, C. U. F. (José Marques Gomes, Jacinto Fernandes Correia, Alberto Gonçalves Monteiro, José Cruz Miguel, Manuel Gonçalves Monteiro, Adelino Nina Correia, António Maria Santos Costa, António José Valente e José Mestre Ramos, *tim.*); pista 3, Ginásio Figueirense (Helder Neto de Almeida, Carlos Costa Vasco, Manuel Neto Vasco, Osvaldo Costa Vasco, Bruno Guardão, António da Silva Achas, Carlos Alberto Vaz Bernardes, Adelino Rodrigues Sousa e António Reis, *tim.*); pista 4, Naval 1.º de Maio (António Cabeto Gil, Mário Carvalho Rodrigues, José Carlos Borges Manano, António Neto Vasco, Carlos Alberto Simões, José Ferreira Afonso, António José Cevada Teixeira, José dos Santos Pires e António Alberto Branquinho, *tim.*).

A luta pelo título circunscreveu-se, ao longo da corrida, à C. U. F., à L. A. G. e ao Ginásio. Mas por erradas manobras do timoneiro lisboeta — já no troço final da regata —, os barreirenses lograram a primeira posição (7 m. 12 s.). Depois, L. A. G. (7 m. 14,2 s.) e Ginásio (7 m. 14,4 s.) — entraram quase a par, enquanto o Naval foi o último, com 7 m. 44 s., e grande atraso.

Shell de 8 - Seniores

Alinharam — Pista 1, Caminhense (Paulo Valadares, José Fernandes Porto, Salvador Valadares, Domingos da Silva Lima, Daniel Portela Cancela, Jorge Gavinho, José Rodrigues Vieira, Iídio Alves da Silva e Rui Valença, *tim.*); pista 2, Galitos (José Migueis Picado, Joaquim Ventura da Costa, Augusto Tavares Ferreira, João Pereira da Silva, Paulo de Almeida Reis, José de Bastos Velhidho, Carlos Armando Picado, João Moreira das Neves e António Pinho, *tim.*); pista 3, Náutico de Viana (Ernesto Viana dos Santos, José Meira, Isidro Rodrigues, José Framegas, Manuel Pires do Rego, Filipe Fontaínhas, Manuel Rodrigues Pinto, Luís Bento Alves e José Gonçalves Valinha, *tim.*).

Com grande poder físico — aliados agora, a uma técnica deveras notável e de bom rendimento — os minhotos, impuseram, de forma categórica, a sua superioridade, ganhando a regata final em 6 m. 31 s.. Galitos com 6 m. 46 s., e Náutico, com 7 m. 7,6 s., classificaram-se pela ordem indicada, mas apenas os aveirenses — com jovem e promissor conjunto — ofereceram resistência digna de nota.

Na manhã de domingo, efectuaram-se cinco provas — eliminatórias, registando-se os seguintes desfechos:

Yolles de 4 - Juniores

1.ª eliminatória — 1.º — Naval 1.º de Maio, em 8 m. 0,8 s.; 2.º Fluvial, 8 m. 4,4 s.; 3.º, — Desportivo da Figueira da Foz, 8 m. 8,2 s.; 4.º — Naval Infante D. Henrique, 8 m. 36,8 s..

2.ª eliminatória — 1.º — C. U. F., 8 m. 23 s.; 2.º — Clube Naval de Lisboa, 8 m. 25 s.; 3.º — Ferroviários de Portugal, 8 m. 47,4 s..

3.ª eliminatória — 1.º — Caminhense, 8 m. 35 s ; 2.º — Desportivo da T. A. P., 8 m. 35.8 s.; 3.º — Náutico de Viana, 8 m. 56,6 s..

Yolles de 8 - Juniores

1.ª eliminatória — 1.º — C. U. F., 7 m. 16 s.; 2.º — Ginásio Figueirense, 7 m. 23 2 s.; 3.º — Sport Clube do Porto, 7 m. 37,8 s.; 4.º — Ferroviários de Portugal, 7 m. 43,2s..

2.ª eliminatória — 1.º — L. A. G., 7 m. 26.; 2.º — Naval 1.º de Maio, 7 m. 31 s..

Os títulos do Galitos

O brilhante historial da prestigiosa Secção Náutica do Galitos ficou este ano, acrescentado com os títulos que os seus dedicados remadores juniores obtiveram — ganhando todas as regatas de shell que se efectuaram

Nas gravuras — *Ao alto* — Shell de 4. *Ao centro* — Shell de 2. *Ao lado* — Shell de 8.

Campeonatos Nacionais

Continuação da última página

mais dois records — batidos pela C. U. F., em yolles de 8, seniores; e pelo Galitos, em shell de 4, juniores.

Será também de registar que a regata de yoles de 4, juniores, se rodeou de interesse invulgar, e foi deveras empolgante concorrentes na chegada à meta. De igual forma, poderá classificar-se também a prova de yoles de 8, juniores, em que se travou tuta aberta e acesa os três primeiros.

Da minha janela ...

Nos últimos dias, e a propósito de anunciadas transferências de futebolistas, teceram-se, nos centros habituais de cavaqueira, os mais diversos comentários, quase sempre à volta das verbas astronómicas movimentadas pelas principais colectividades. E nós, por via de regra, não deixamos também de meter a colherada, que é como quem diz, dar a nossa opinião, quando à volta da mesa do café se comentava uma transferência sensacional, daquelas que provocam espanto ao cidadão menos metediço nestas andanças. Demos a nossa opinião, desfavorável já se vê, mas, evidentemente, sem pretendermos endireitar o mundo. Então, nestas coisas do futebol — como as opiniões dos outros pouco contam! — qualquer comentário, com ou sem propósito, fica desde logo prejudicado pela poderosa lógica de que só gastando muito dinheiro se pode obter um conjunto de valores capazes de formar uma equipa para corresponder aos anseios das multidões. E os argumentos são de tal ordem que, quem se atrever a censurar essa dança de milhões, é, certamente, acusado de lunático, ou, se preferirem, de indivíduo estúpido e pouco relacionado com os modernos problemas de futebol!

E, porque assim é, deixemos os pobres dirigentes em paz e socêgo. Só assim poderemos ajudar, de algum modo, quem tanto se sacrifica pela nobre causa do futebol, a que nem um ou outro momento de euforia paga as contrariedades duma época inteirinha! Aqui nos penitenciamos pelo nosso desacordo nas transferências ruinosas.

1 Não há muitos anos, que só se considerava desportista todo e qualquer indivíduo que, òbviamente, praticasse o desporto, fosse ele futebol ou «rugby», natação ou «ping-pong», remo ou atletismo, etc. etc.. Modernamente, porém, não raro é dizer-se que os desportistas de determinado local não amparam o seu clube, batendo palmas e pagando cotas quando tudo corre bem, deixando a bancada e o peão às moscas quando as coisas não correm de feição.

Ora, nós temos muita consideração pelo público que frequenta os recintos desportivos, mas daí a chamar-lhe desportista, só por esse facto, é que não estamos de acordo. E sabem porquê? Pela mesmíssima razão que discordamos por exemplo do apodo de cinematográfico só porque um indivíduo vai ao cinema, ou de circenses a todos quantos vão ao circo.

Nós sabemos que uns quantos considerados *despertistas*, mas que não passam de «gargantas» de café se irritarão ao lerem-nos, mas temos que assentar nisto: desportistas são todos quantos se dedicam ao desporto, quer como praticantes, quer como instruendos, no que, ao fim e ao cabo vem a dar no mesmo. O resto é espectador.

2 Há dias, e a propósito de clubes remediados e clubes pobres, já que parece não existirem colectividades ricas, a não ser em dedicações, alguém alvitrava a criação, na orgânica do futebol, duma Divisão de Honra, aonde figurassem apenas os clubes de maiores possibilidades financeiras, que seriam os únicos a dispor de jogadores verdadeiramente profissionais. Quereria isto significar, em poucas palavras, que estava dado o primeiro passo para se espectacularizar definitivamente o futebol, arredando-o da companhia dos outros desportos. Se tal viesse a suceder, seria provável que, por associação de ideias, a Direcção Geral dos Espectáculos viesse a organizar os campeonatos. Então, na sua justeza, e até como medida preventiva, veríamos, nos programas, que, normalmente, são afixados nos lugares públicos, a seguinte legenda: Iniciado o encontro, se este fôr interrompido por quaisquer desacatos ou por decisão do árbitro, a entidade organizadora não é obrigada a restituir a importância dos bilhetes.

3 Sangalhos, Oliveira do Bairro e Ovar estão presentes na 25.ª Volta a Portugal em bicicleta. São estes os representantes de Aveiro na maior prova de ciclismo que o nosso País leva a efeito. Não serão famosos, certamente, e oxalá nos enganemos, os feitos das colectividades que enformam a Associação Regional, mas, de qualquer modo, a sua presença significa muito sacrifício e louvável desejo de bem servir o Desporto.

Isto, para nós, que temos um fraco pelos desportos menos priveligiados, tem um valor incalculável, e mostra-nos que nem tudo é futebol neste mundo, graças por isso.

Guardamos, propositadamente, para o fim uma referência aos Campeonatos Nacionais de Remo. Tudo certo e muito bem organizado, como é timbre do Clube dos Galitos. Apenas e mais uma vez a tristeza dos acessos à formosa pista. Que pena não se poder prestar um grande serviço à cidade e ao turismo, colaborando na persistência do Clube dos Galitos, para fazer do Rio Príncipe o Estádio Náutico sonhado há um bom par de anos! E o Remo aveirense, pelo muito que já fez e pelo muito que deixou adivinhas nas suas prometedoras exibições de sábado e domingo, bem merecia a atenção de quem superintende na orgânica do Desporto Nacional.

REMO

campeonatos nacionais

C. U. F. - 6, GALITOS - 3, L. A. G. - 2 e CAMINHENSE - 2 ganharam títulos

Bateram-se 4 «records»!

Na magnífica e imcomparável pista do Rio Novo do Príncipe, disputaram-se novamente os Campeonatos Nacionais de Remo — que atraíram número «record» de participantes às tranquilas e serenas águas do Vouga.

As provas evidenciaram um elogiável nível de melhoria geral, proporcionando grande número de embates renhidos e de grande beleza espectacular. A par destas circunstâncias, registaram-se ainda a queda de quatro «records» — dois em cada jornada — e a presença de mais de dois concorrentes em cada regata, pelo que, este ano, todos os campeões tiveram de lutar e de vencer oposição de adversários para conquistar os títulos...

Em sucinto apontamento, quanto poderá referir-se ainda é que das regatas — organizadas sem falhas pela Federação Portuguesa do Remo em colaboração com a Secção Náutica do Clube dos Galitos — se saiu com a segura impressão de que o remo português se apresenta em nível de acentuada e franca melhoria, no conjunto dos clubes.

Na verdade, notámos apreciável subida técnica em muitos consagrados (caso flagrantemente evidenciado pelo Caminhense); e assistimos, também, ao despontar de promissores atletas e equipas, que já se podem considerar, para além de promessas, autênticas certezas (e, neste particular, merecem destaque elementos, vencedores e vencidos, de barcos aveirenses, figueirenses, lisboetas, vianenses, portuenses, barreirenses, caminhenses...).

Na ronda de abertura, no sábado, bateram mínimos: o skifista júnior da C. U. F., atleta valoroso e de largas possibilidades e o consagrado shell de 4, seniores, *do Caminhense. Mas a jornada foi igualmente assinalada por dois êxitos do Galitos e da L. A. G., contra um do Caminhense e outro da C. U. F.; e, também, por belíssimas réplicas do* shell de 8, juniores, *do Ginásio Figueirense e do* double scull, seniores, *do Náutico de Viana — ambos a valorizarem de forma extraordinária os triunfos nessas regatas alcançados, respectivamente, pelo Galitos e pela L. A. G..*

No domingo, dia em que as provas tiveram a valorizá-las enorme afluência de público, assistiu-se a um autêntico festival do Detportivo da C. U. F.! Na verdade, em sete finais efectuadas, os barreirenses compareceram em seis, nelas obtendo quatro clamorosos êxitos, mormente o do seu skifista (vencedor da prova de sábado) sobre o aveirense Amadeu Martins Pereira, um remador experimentado e campeão luso-brasileiro!

Tal como na véspera, caíram

Continua na página 7

2 campeões & recordistas

Na ronda inaugural, no sábado, foram pulverizados dois «records» — em skiff *e em* shell de 4. *Autores das «perfomances», foram o valoroso cufista Manuel da Silva Barroso (ao lado) e a categorizada tripulação olímpica do Caminhense (ao alto).*

Resenha das Provas

Sábado, 4

Skiff - Juniores

Alinharam — Pista 1, Rui Pinheiro da Cunha (Ginásio Figueirense); pista 2, Manuel da Silva Barroso (C.U.F.); pista 3, Tenente Luís Manuel Costa Correia (C. N. O. C. A.); pista 4, Fernando da Silva Coelho (Fluvial).

Venceu o cufista, com 7 m, 55,4 s. — o melhor tempo da pista — e com graude vantagem sobre os representantes do C. N. O. C. A. (8 m. 37 s.), do Fluvial (9 m. 3,8 s.) e do Ginásio (10 m. 18,8 s.).

A marca do triunfador possui grande valor, mesmo para além do meio português.

Double Scull - Seniores

Alinharam — Pista 1, L. A. G. (Fernando Teixeira de Matos e João Santos Vargas); pista 2, C. U. F. (Augusto Cabrita e José Augusto da Silva); pista 3, Náutico de Viana (Manuel Pires do Rego e Manuel Rodrigues Pinto).

A prova foi excelente, tendo proporcionado luta entusiásta entre os dois primeiros: — a L. A. G. ganhou, em 7 m. 40,4 s., com um barco de vantagem sobre o Náutico de Viana, que só fraquejou perto da chegada, concluindo com o tempo de 7 m. 44 s.. Os cufistas foram os últimos, no tempo de 8 m. 18 s..

Shell de 2 - Juniores

Alinharam — Pista 1, Fluvial (Ângelo Rodrigues, Manuel Pinto e António Henriques Cardoso, *tim.*); pista 2, C. U. F. (Rui Manuel Petinha, João Raimundo Eusébio e José Mestre Ramos, *tim.*); pista 3, Galitos (Manuel Caetano Machado, Artur Rodrigues Paiva e José Vieira da Maia Romão, *tim.*).

Ganharam — muito bem — os aveirenses, com 8 m. 43 s.. Replicaram apenas os portuenses, que finalizaram com 8 m. 47,4 s.. Os barreirenses foram últimos, com 8 m. 54,8 s..

Yolles de 4 - Seniores

Alinharam — Pista 1, Naval 1.º de Maio (António Conceição Rodrigues, Manuel Cardoso Pedro, António Lopes Beato, Manuel Silva Rodrigues, Mário Simões Vieira, *tim.*); pista 2, C. U. F. (José Martins Neves, Joaquim Pereira da Silva, João Mário Padrão, Alberto Garcia Martins e Rafael Toledo Fernandes, *tim.*); pista 3, Ginásio Figueirense (Helder Neto de Almeida, Osvaldo da Costa Vasco, Manuel Pedro Neto Vasco, Carlos Costa Vasco e António Reis, *tim.*); pista 4, Fluvial (Manuel Moreira Dias, Manuel Moutinho Cruz, António Alberto Jesus, António dos Santos Andrade e José Augusto Valente de Almeida, *tim.*).

Novo e merecido êxito cufista em tempo próximo do record da pista (7 m. 52,2 s.). Seguiram-se a Naval, com 7 m. 59,8 s., o Ginásio Figueirense, com 8 m. 18,6 s., e o Fluvial, com 8 m. 20 6 s..

As posições foram discutidas (entre os três últimos), até aos mil metros — meio percurso.

Shell de 8 - Juniores

Alinharam — Pista 1, Ginásio Figueirense (Arnaldo Santos Esteves, Manuel Valente da Silva, Bruno Guardão, Adelino Rodrigues, Rafael Castro, Manuel Curado Pereira, Carlos Alberto Bernardes, António Ramos Achas e José Rolinho Sopas, *tim.*); pista 2, Náutico de Viana (Lupicínio Faria Rodrigues, José Arezes, Izidro Rodrigues, Armando Carvalho, José Adamastor, Filipe Fontaínhas, Ernesto Viana dos Santos, Luís Alves e José Gonçalves Valinha, *tim.*); pista 3, Galitos (José Miguéis Picado, Joaquim Ventura da Costa, Augusto Tavares Ferreira, João Pereira da Silva, Paulo de Almeida Reis, José de Bastos Velhinho, Carlos Armando Picado, João Moreira das Neves e António Pinho, *tim.*); pista 4, Caminhense (Avelino Fernandes Cerqueira, Orlando José Fernandes Porto, Luís Carlos Rodrigues, Hilário José Dias Peres, José Joaquim Gomes Valente, Júlio Ribeiro Ramalhosa, João Luís Couto Barroso, Domingos Silva Lima e Alcides Gonçalves Morais, *tim.*).

Final empolgante, com o Galitos a ganhar no tempo de 6 m. 41,6 s. — apenas com 1 segundo e um quarto de proa de vantagem sobre o Ginásio que, sendo o último na largada, veio a recuperar com élan e classe (6 m. 42,6 s.).

A seguir, cortaram a meta as tripulações minhotas — Caminhense (6 m. 49,21 s.) foi o terceiro, e Náutico de Viana (7 m. 10,6 s.) o quarto e último.

Shell de 4 - Seniores

Alinharam — Pista 1, Caminhense (Daniel Portela Cancela, Jorge Gavinho, José Rodrigues Vieira, Ilídio Alves da Silva e Rui Valença, tim.), pista 3, C. U. F. (Adelino Augusto da Silva, Manuel Ildefonso da Costa, Luís Matias de Matos, Manuel Domingos Dias e Rafael Toledo Fernandes, tim.); pista 4, Galitos (João Martins Pereira, Luís de Pinho da Maia Romão, António Carvalho de Sousa, João Carlos Rodrigues Paiva e Carlos José Soares Trindade, tim.).

Faltou a tripuluação do Fluvial.

A prova encerrou com «chave de ouro» a primeira jornada dos Campeonatos. O Caminhense, com prova irresistível, ganhou sem discussão, al-

Continua na página 7

FUTEBOL

Com vista à próxima época, os treinos dos futebolistas do Beira-Mar iniciam-se na quinta-feira, dia 16.

Quanto a reforços para a turma aveirense, não nos é possível revelar hoje qualquer nome — pois acha-se prudente manter completo sigilo sobre as negociações que os dirigentes do Beira-Mar mantêm com diversos jogadores.

Compreendendo — e aceitando — a reserva que nos foi solicitada, guardaremos para oportuno e conveniente ensejo a revelação dos nomes dos elementos que se espera ver transferir para o Beira-Mar.

Em 2 de Setembro próximo, terá lugar o III Circuito Ciclista da Oliveirinha — *uma competição para amadores promovida pela Casa do Povo da Oliveirinha, com patrocínio da F. N. A. T. e do LITORAL.*

Breve, e mais de espaço, de novo falaremos da aludida prova.

DES POR TOS

Secção dirigida por

António Leopoldo

VELA

CAMPEONATO DE PORTUGAL DA CLASSE «MOTH»

Tendo por cenário a nossa Ria — no troço compreendido entre a Torreira, Murtosa e Muranzel — disputam-se em 12, 13 e 14 de Agosto corrente, as seis regatas do IX Campeonato de Portugal da Classe Moth, organizado pelo Clube Naval de Aveiro com patrocínio da Federação Portuguesa de Vela.

Participam no torneio cerca de trinta embarcações, com velejadores que representarão os seguintes clubes: Algés e Dàfundo, Alhandra, Brigada Naval, Naval do Funchal, Naval de Lisboa, «Mare Nostrum» e Vila Franca de Xira — além dos da nossa região (Naval de Aveiro, Ovarense, Recreio Caciense e Sporting de Aveiro).

EM 12, 13 e 14 na TORREIRA